

Tiradentes:

Se todos quisermos, poderemos fazer deste país uma grande nação.

Vamos fazê-la.

Marcia Barbosa

O feriado de Tiradentes, dia 21 de abril, traz a lembrança das aulas de história falando de uma Inconfidência Mineira que fracassou por uma traição. Joaquim Silvério dos Reis no papel de Judas denunciou os inconfidentes pelo perdão de dívidas. A imagem de Tiradentes com cara de Jesus e esquartejado, ilustrado na pintura de Pedro Américo, deve ter atormentado as noites de muitas crianças. A gravura de um Tiradentes Jesus, além de potencialmente inverídica, carrega um peso de martírio e de derrota. Como militar Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, não poderia usar barba e, como prisioneiro, ele tinha que se barbear. A narrativa ensinada muitas vezes descreve o movimento separatista mineiro como uma crucificação e a proclamação da república como uma espécie de ressurreição tardia.

A história da Inconfidência, que ficou praticamente adormecida no Império, não se resume a uma traição e a um mártir. Na raiz do movimento estão as ideias iluministas e antimonarquistas trazidas para o Brasil por filhos de famílias abastadas que foram estudar em universidades, como as de Coimbra, em Portugal, e a de Montpellier, na França. A inspiração do grupo mineiro não estava em uma filosofia sem evidências, mas em uma ideia que resultou em um movimento concreto, a independência norte-americana. O livro de cabeceira dos inconfidentes era o "Recueil des Loix Constitutives des États-Unis de l'Amérique", um conjunto de documentos constitucionais fundadores dos Estados Unidos da América. Nele constam a Declaração de Independência e uma primeira redação dos Artigos de Confederação. Apesar de não dominar o idioma francês e de nunca ter saído do Brasil, autores acreditam que Tiradentes esteja entre um de seus ávidos leitores. O uso de um dicionário foi instrumento fundamental para compreender o conteúdo do "Recueil" ou, como ficou conhecido no Brasil, o Livro de Tiradentes.

A história da inconfidência não se resume à trágica execução de Tiradentes e ao exílio dos inconfidentes mais ricos. Mais do que um movimento elitista e anticolonialista, a inconfidência mineira se estruturou a partir do conceito de soberania, da possibilidade de se construir uma nação não subserviente ao domínio de outra nação ou grupo econômico. Os inconfidentes negavam a superioridade de Portugal sobre o Brasil e negariam a superioridade da Inglaterra durante o Império ou de qualquer nação colonizadora comercial.

A falta de um sentimento de soberania que alimentou o Brasil do Império e continua presente em muitos dos governantes da República é mais trágica do que a pintura de Pedro Américo de um Tiradentes esquartejado. O desejo de um país autônomo e independente, no entanto, não morreu com os inconfidentes. Ele passou de geração a geração para alguns brasileiros que confiam na nossa capacidade de construir uma nação soberana.

É este sentimento que move pesquisadores e pesquisadoras a continuar produzindo conhecimento competitivo internacionalmente, que impulsiona trabalhadores e empresários a criar produtos e insumos, que mobiliza estudantes e docentes a perseverar no ensino. Enquanto isto, o executivo federal subserviente ao exterior, descrente da capacidade do povo brasileiro de ter uma nação desenvolvida, nega os instrumentos para que o Brasil cresça. E ao se confrontar com lideranças internacionais, se curva, em declarações de amor humilhantes.

Como na Inconfidência Mineira, alguns estão sendo executados através de perseguições governamentais contra acadêmicos e políticos e outros estão optando pelo exílio, com uma fuga de cérebros que terá uma repercussão imensa no desenvolvimento do Brasil.

Neste dia 21 de Abril urge uma apropriação coletiva da soberania defendida pela Inconfidência Mineira, concretizando a frase atribuída a Tiradentes.

**Se todos quisermos, poderemos fazer deste país uma grande nação. Vamos fazê-la.**